



AS
ÁGUAS
-VIVAS
NÃO
SABEM
DE SI

Fantástica
ROCCO

ALINE
VALEK

Para M.F., com quem, pela primeira vez, vi o mar.

*“... pois oceano é mais antigo que as montanhas,
e carregado das memórias e dos sonhos do Tempo.”*

— H.P. LOVECRAFT

*“O mar não é senão o veículo de uma sobrenatural
e prodigiosa existência.”*

— JÚLIO VERNE

CAPÍTULO 1
CORINA

Era uma explosão de vida quando se chegava ao fundo. Fundo, bem abaixo do alcance dos maiores mamíferos e de onde nasciam as algas mais distantes a captar as últimas migalhas do sol, abaixo das metrópoles vivas de corais, das cavernas, dos naufrágios, do lar das criaturas gigantes e das bactérias comedoras de calor. Ela explodia bem mais fundo, onde a luz do sol jamais tocou e nem por isso era só escuridão, deserto, silêncio; porque era ali que a vida, a própria vida, emitia luz.

Águas-vivas cor de carne bailavam, rodopiantes, flutuando num espetáculo com uma plateia numerosa, porém totalmente indiferente, mais interessada na própria marcha rumo à multiplicação. Essa era, afinal, a dança que aquelas bactérias entendiam como primordial, a verdadeira arte, algo tão grandioso que diante dela as gigantes não passavam de cenário. Figurantes.

Na escala das pequenas dimensões, outros braços continuavam a dança. Na ânsia de tocar algo além do vazio, cerdas de um verme marinho dedilhavam as águas. Movimentos tão minúsculos quanto imensos em voracidade – a fome, a urgência, o agora... isso era tudo o que podia existir – na tentativa de agarrar algum krill que inadvertidamente encontraria ali o destino final de sua viagem.

Na boca aberta e flácida de um peixe gelatinoso: foi onde a viagem terminou para um pequeno camarão transparente que cuidava dos próprios assuntos, e ele passou por aquela garganta sem protestar, mais por falta de chance do que por uma compreensão profunda de que esse era mesmo o seu papel. O peixe, agora alimentado, seguiu serpenteando sua longa cauda pelas profundezas, alheio ao fato de que, lá em cima, havia quem considerasse inabitado o mundo onde ele vivia.

Ao redor, um cenário muito quieto – mas não morto. Atento.

Porque foi com atenção que foram recebidas aquelas duas pequenas luzes afundando no abismo, descendo sem a preocupação de haver testemunha que as observasse. Eram criaturas volumosas, de superfície brilhante e sólida, que deixavam um rastro de bolhas e se ligavam aos seus prováveis pontos de partida por cordões compridos, as pontas de cima engolidas pela densidade da escuridão. De onde vinham não se via.

Na frequência certa, as vozes apareciam, a respiração lenta, ruidosa, o oxigênio enchendo um peito no qual não entrava água. Sem dúvida, eram velhas conhecidas do oceano. Que surpresa serem vistas àquela profundidade; incomum atrevimento, era preciso reconhecer.

“Alcançamos solo”, ouviu-se.

A resposta, um som vindo lá de cima, conduzido através dos cabos por centenas e milhares de metros, foi ouvida dentro do capacete.

“Positivo. Temos visual, Corina.”

O corpo que deslizava à frente tornou-se mais nítido, ganhou contornos com a luz que trazia na lateral da cabeça. Era verdade que Corina fazia uma de suas primeiras visitas ao abismo, mas já havia descido fundo e visto coisas que poucos da superfície tiveram

o privilégio de testemunhar; e, mesmo quando viam, era geralmente através de olhos robóticos acostumados a desvendar um mundo que ainda permanecia, em sua maior parte, além da imaginação. No entanto, lá estava ela, em só mais um dia de trabalho.

Logo atrás vinha Arraia. Tinha braços e pernas, no entanto. Era só um nome, que não servia para definir sua espécie, mas para contar sua história. Um nome com uma história que só podia mesmo acontecer ali, onde havia apenas água. Seus pés tocaram o chão e seu corpo buscou o equilíbrio, quicando como se não tivesse o peso de sangue e ossos, de uma armadura, de todo o equipamento que vinha com ele. Corina estendeu braços robóticos em sua direção, em movimentos pesados, calculados, cautelosos, que nem lembravam a desenvoltura que já tiveram um dia; mas a essa profundidade não se podia exigir tanto deles.

O trabalho era basicamente o mesmo de quando Corina e Arraia formaram dupla havia alguns anos: consertar, coletar, levar coisas da superfície para o fundo, ou ainda mãos e mentes humanas para o que quer que precisassem fazer lá embaixo. Dessa vez, não traziam ferramentas para consertar cabos e dutos de petróleo, porque tão fundo não havia esse tipo de construção; então só poderia ser o tipo de missão de pesquisa ou coleta.

Eles eram duas luzes pálidas cercadas por um mundo longe do alcance do sol, escuro demais para plantas, e que tocavam uma superfície coberta de minerais cuspidos por vulcões que elevavam a temperatura não muito longe dali. O solo íngreme já estava nos cálculos, um inconveniente pequeno para um trabalho que não duraria mais de uma hora, tempo que Corina calculou olhando o cronômetro que piscava em seu visor.

Era a terceira sonda que instalavam, seus movimentos repetiam mecanicamente cada processo de um manual de instruções gravado em seus cérebros durante um extenso treinamento. Quando finalmente terminaram, Corina apertou o botão e esperou as luzes piscarem. Pulsos magnéticos varreram o relevo submerso no mesmo instante, saindo do pequeno aparelho e a ele retornando em menos de um segundo. Olhos e ouvidos no fundo do oceano prontos para ler cada suspiro até então mantido oculto da superfície. Tudo o que Corina viu foi a luz do indicador de energia acendendo de vez.

“C-30 operante, Estação.”

Depois de alguns segundos, chegou ao seu comunicador uma voz rouca, fechada.

“Sinal recebido. Prosseguir na exploração.”

O silêncio da Estação fazia Corina sentir que do outro lado prendiam a respiração, embora fosse ela a forasteira solta do lado de fora, onde não havia ar para se respirar, pelo menos não sem aquele traje. Seu corpo estava totalmente revestido e hermeticamente trancado em um invólucro que impedia que ela tivesse qualquer contato com a água, mas que também a mantinha viva, respirando e capaz de se mover em um ambiente que ficava mais pesado a cada dezena de metros que se descia. Sentia o mundo apertar e pesar ao seu redor. Era o peso daquela roupa, do silêncio, do isolamento, do escuro e da cautela de entrar em um bairro que não era o seu.

O visor diante do rosto de Corina mostrava que fazia 2°C do lado de fora do traje, embora nada daquele frio a atingisse. Esses números, mais que as vozes no capacete, eram a linha que os mantinha em uma faixa segura e razoavelmente bem povoada, o guia mais confiável naquela brincadeira de quente e frio que os conduzia

quase às cegas ali embaixo. Frio, estavam se afastando do lugar que deveriam explorar. Quente, estavam a alguma distância de uma chaminé – e a cautela indicava que não era o momento de se aventurar pelo calor daquelas áreas, talvez quentes demais para suas cascas suportarem.

Nem sereias, nem serpentes gigantes nem qualquer outra criatura fantástica cruzou o caminho; nem era preciso que isso acontecesse para que a expedição lhes parecesse emocionante. Era um tanto assustador saber que estavam, de fato, dividindo um ambiente com aquelas criaturas: crustáceos pinçando pedras em busca de algum detrito que pudessem engolir; pontilhados de luzes azuis desenhando a figura de uma lula que passava por eles com desconfiança; vermes, lesmas, todo tipo de pepino e de minúsculos peixes transparentes; uma nuvem esbranquiçada que era um país, um continente inteiro de bactérias adensadas que, sozinhas, podiam ser invisíveis aos olhos humanos, mas numericamente superiores em uma escala para eles inconcebível.

Havia uma quantidade ilimitada de coisas que poderiam ver enquanto avançassem por aquela escuridão, mas o oxigênio tinha hora para acabar. Seus corpos visitavam um mundo com o peso de trezentas, quatrocentas atmosferas a mais do que na superfície, mas só conseguiam fazer isso porque usavam cascas tão duras; dentro delas ainda eram frágeis, mamíferos, limitados. Seus motores ganharam força e criaram pequenos turbilhões de água e bolhas quando seus corpos começaram a emergir, uma subida lenta e cuidadosa para que pudessem sobreviver à mudança de pressão. Subiam, um centímetro de cada vez, deixando para trás o abismo – quieto, paciente, atento.



O ouvido era o primeiro a sentir que o corpo saía do traje, e aquele leve incômodo, uma dor e surdez momentâneas, avisava ao restante do corpo que eles estavam de volta ao interior da câmara. Corina mexia o maxilar e bocejava com demora para os tímpanos estufarem e voltarem ao normal, não muito diferente do que se fazia dentro de um avião que pousaria; até porque aquela não deixava de ser uma longa viagem. A sensação de ter o ouvido abafado dentro de um copo foi sumindo, os sons fazendo sentido aos poucos, e logo Corina escutou o assobio baixo que o traje fazia ao se abrir, feito bexiga de ar esvaziando-se devagar.

Desceu com cuidado da plataforma que prendia aberto o exoesqueleto que a envolvera pelas últimas horas, o desequilíbrio natural de voltar a pisar em solo firme, ou pelo menos o mais próximo disso que ela podia ter no momento. Daquela viagem, só levou como souvenir a água que pingava dos trajes e encharcava o chão perto do poço de entrada.

Vestia apenas uma segunda pele de neoprene que só deixava de fora o seu rosto, coberto até as orelhas. Puxou o capuz e passou a mão na cabeça, ainda não acostumada a esse negócio de mergulhar e voltar sem um pingo de mar no corpo, a não ser o salgado do próprio suor. Virou-se para Arraia, ele próprio não conseguindo disfarçar o incômodo de manejar aquela tralha, o alívio de ter se livrado dela e voltado para a Estação em segurança, de saber que no fim tinha dado tudo certo como que contrariando todas as expectativas – e era isso, afinal, o que espantava Corina. Descer tudo aquilo e voltarem vivos, sãos, era quase doido demais para que ela acreditasse, e já estavam no quarto dia de expedição.

“Eu achava os motores instáveis demais”, comentou Arraia, dando a volta para mexer na parte de trás do seu traje. “Mas hoje me senti mais no controle. Consegui me virar para o lado que eu queria ir, pelo menos.”

Que a instabilidade era ruim, Corina já sabia. Não saber onde fica cima ou baixo, não ter mão que obedeça, pernas que firmem nem vista que aponte a direção era a própria definição do terror, especialmente se tal descontrole viesse a acontecer logo nas maiores profundezas. Não, não era algo com o qual Corina queria lidar. Os motores que fizessem sua parte e não causassem problemas.

“É, eles não são muito responsivos”, disse ela simplesmente, mais preocupada em apanhar sua prancheta.

Era um dispositivo retangular e fino, uma tela que mostrava uma série de itens que correspondiam, cada um deles, a alguma peça do traje. Corina deslizou o dedo sobre o primeiro ícone e começou a checagem, apoiando a tela entre a dobra da cintura e o braço a cada vez que se voltava para olhar o traje com atenção, e nem os comentários de Arraia sobre qualquer coisa, ao seu lado, a distraíam do roteiro quase automático que seguia em sua cabeça para terminar logo a tarefa.

Estava acostumada a essas rotinas desde que escolhera trabalhar como mergulhadora. E ser *mergulhadora* era bastante diferente de gostar de mergulhar e visitar o oceano de vez em quando, porque o trabalho começava muito antes do mergulho, continuava depois dele e boa parte disso acontecia em terra, na superfície, fora d’água. Era preciso cuidar dos equipamentos, preparar os trajetos, verificar os itens de segurança, checar e recheckar; e durante anos ela fez isso em cada trabalho como instrutora, guia ou mergulhadora em pesquisa científica.

A preparação mais complicada era da época da plataforma de petróleo. Corina se lembrava dos parafusos do teto da câmara, do verde acinzentado das paredes à sua volta, da textura do seu colchão e do cheiro metálico do ar com tanta nitidez como se ainda dormisse lá todas as noites. Era tudo o que tinha para olhar durante dias presa na câmara de vida, portanto era natural que o lugar estivesse gravado com tanta força em sua memória. Dos vinte e oito dias que passava ali, as dezesseis primeiras horas eram sempre em função de preparar o equipamento mais importante do trabalho: seu corpo, ajustado lentamente para enfrentar a profundidade, quando ela fosse levada a consertar ou mexer em válvula, cano ou qualquer maquinário que servisse para conduzir o petróleo para a superfície. Naquela câmara, Corina era comprimida. Consideravam o mergulho saturado que fazia nessa época o trabalho mais perigoso por um motivo, mas ela não costumava pensar nisso enquanto os gases do seu corpo eram alterados pela mudança na pressão; costumava pensar, achando graça, em como ir para a cadeia parecia menos assustador quando olhava dali, onde o confinamento era algo que encarava com absoluta normalidade. Também gostava do tipo de conversa que jogava fora com seus companheiros de trabalho, especialmente nos dez longos dias de decompressão antes de voltarem à superfície, porque um pouco de distração e interação era sempre bem-vindo, já que não podiam evitar olhar para a cara uns dos outros em um espaço com aquelas dimensões limitadas. Acabavam descobrindo tanto sobre aqueles com quem compartilhavam o confinamento, que não escapavam nem mesmo as coisas mais inconvenientes e profundas a respeito de alguém com quem tinham em comum apenas a solidão, os medos

e o hábito de vestir pés de pato, uma máscara de mergulho e um cilindro de misturas gasosas nas costas.

A claustrofobia e a convivência nunca foram problemas para Corina. Mas os anos passaram. E ali, novamente presa com uma equipe, ela começou a sentir que talvez isso tivesse mudado, que o isolamento e as outras pessoas começavam a assustá-la como nunca antes. Mas as rotinas, essas não saíam dela. E inspecionar as armaduras era só mais uma delas – a novidade era apenas o tipo de equipamento que ela precisava preparar.

Trajes Especiais para Mergulho em Profundidade Abissal. Ou TEMPA 269, como estampado nas costas da armadura, bem abaixo da logo da empresa fabricante. Mas ninguém ali dentro chamava aquilo de TEMPA, somente de traje. Testar aquela coisa, Corina até aceitava, mas usar aquele nome pavoroso já era demais.

Havia dois desses trajes na Estação, os mesmos em vistoria naquele momento, os dedos de Corina percorrendo as juntas do braço para ver se estava tudo certo com a vedação. Marcou um check na tela. Cada traje pesava sessenta e cinco quilos, um suplício se mover dentro deles; fora d'água, absolutamente impossível. Só o capacete pesava dez. Aquele traje, no entanto, era um dos mais leves já fabricados. Estrutura pesada e rígida para suportar a força esmagadora das profundezas e projetada com articulações que facilitavam os movimentos no mergulho. Uma armadura coberta de placas móveis, uma sobre a outra, que mais parecia o exoesqueleto de um isópode gigante. Deviam ter achado uma boa ideia copiar o design de um crustáceo que conseguia viver em águas profundas, por mais que a empresa tivesse que investir anos em pesquisa e milhões em desenvolvimento de tecnologias para se aproximar

– se tanto – da eficiência de um bicho que lembrava uma barata pré-histórica.

Devia haver um bom motivo para o corpo humano não ser capaz de visitar certos lugares. Onde a sensatez não servia como freio para a curiosidade de mamíferos teimosos, a menos que o próprio corpo servisse como limite. Quando Corina foi apresentada ao projeto, pensou o mesmo que os grandes investidores chegaram a objetar, hesitantes demais em injetar grana em um negócio tão ousado, uma vez que os robôs já faziam razoavelmente bem o trabalho sujo de descer tão fundo. Tinham medo, embora para eles o grande risco fosse apenas colocar dinheiro no projeto; já Corina teria que colocar o próprio corpo. E pra quê, ela não perguntaria isso em voz alta, mas pensaria, se os robôs já faziam razoavelmente bem esse trabalho sujo? Que mandassem sondas com câmeras, como sempre fizeram. Que manejassem pinças robóticas por controle remoto e não inventassem maluquice. Mas não era o tipo de coisa que Corina questionaria em voz alta, sabendo ela que seu trabalho existia por um motivo. Afinal, não a mandariam descer duzentos e tantos metros para consertar canos de petróleo no fundo do mar se pudessem usar robôs para fazer o mesmo trabalho com os mesmos custos; e, no entanto, foi o que ela fez por anos, em um trabalho de que até gostava, apesar do isolamento, das rotinas, das exigências, do desgaste físico e mental que quase a fizeram pensar que seria a última vez que se arriscaria em uma rotina tão perigosa.

“Como estão as coisas aí?”, era a voz de Arraia, mas não ao seu lado enquanto inspecionavam os trajés após mais um dia de mergulho, e sim em outro tempo e outro lugar, falando ao celular, ecoando em algum lugar da sua memória.

Ela recebeu aquela ligação com surpresa, era a primeira vez que conversavam desde seu desligamento da plataforma, e desconfiou de que ele só podia estar ligando para pedir algo. De certa forma, Corina estava certa. Era um pedido, mas também uma proposta. Havia surgido a oportunidade de entrar em um projeto interessante, e Arraia se lembrou dela. Havia urgência e incerteza em sua voz.

“Você pode vir nessa sexta?”, perguntou ele, porque primeiro ela precisaria conversar com quem tomava as decisões.

“Preciso pensar. Isso veio meio de repente”, como se estivesse cheia de compromissos. Como se estivesse em condições de dar aquele passo. Mas, se chegou a vestir aquele traje, foi porque no dia combinado ela atendeu ao chamado e aceitou o trabalho, provavelmente sentada em uma cadeira de couro em uma sala de reuniões duas vezes maior do que a habitação onde ficaria presa por dois meses seguidos.

Então, quando foi apresentada ao projeto, Corina não precisou perguntar “pra que” os trajes, ainda que a ideia de entrar neles lhe arrepiasse a espinha. De qualquer forma, o diretor de engenharia fez questão de explicar, com o discurso bem-ensaiado de quem repetia as mesmas palavras em cada reunião de apresentação, que o TEMPA 269 era tão maravilhoso justamente por ser um equipamento capaz de levar às profundezas inexploradas, em operações complexas e que exigiam respostas rápidas, o mais avançado, responsivo e compacto computador disponível: o cérebro humano.

Corina encarou o capacete pendurado ao lado do traje, terminando sua checagem, e quase riu ao se lembrar das palavras do engenheiro. Seu cérebro não era exatamente o que se podia chamar de

uma máquina confiável, mas provavelmente eles tinham em mente outro tipo de cérebro, o de cientistas, exploradores e técnicos, um que valesse a pena levar lá para baixo se os trajes se provassem realmente seguros.

Já dava para ver Susana do outro lado do vidro, mexendo no painel, e os ponteiros dos barômetros descendo devagar até que a luz no alto da porta acendeu. Era verde de siga, e os dois entraram na antecâmara, uma tela balançando meio incerta ao lado do corpo e a outra bem firme entre braços fechados.

Corina olhava para trás, para o poço de entrada e saída, ou *moon pool*, como estava acostumada a chamar. Era engraçado ver os dois trajes vazios, de braços abertos como quem dizia “não nos abandonem”, e pareciam tão ridículos quanto o nome que a fabricante lhes arranjou. Quando soube do que se tratava o trabalho para o qual estava sendo contratada, imaginara que o traje seria uma espécie de roupa de astronauta. Encontrou, em vez disso, algo mais parecido com um robô. Ou uma armadura medieval. Um sarcófago. Ou, sendo mais imaginativa, a carcaça de uma cigarra. Vestir pela primeira vez aquele exoesqueleto foi um tanto claustrofóbico. Ficou incomodada, irritada e depois com medo de que não sobrevivesse ali dentro. Com um pouco de treinamento e prática, passou a ficar incomodada, irritada e com medo em níveis mais suportáveis.

“Eles não me convencem”, Corina se surpreendeu com a própria voz saindo.

Arraia notou que ela falava para o compartimento de onde saíram, para os dois trajes presos na plataforma, mas mesmo assim respondeu. “Algo errado com o seu? Até agora, eles se saíram bem nos testes.”

“Não são os trajes. É a ideia. Insistir na forma humana quando sabemos que não é a mais eficiente dentro d’água.”

“Fazer uma armadura com cauda, você quer dizer? Bem, eu não ia reclamar se pudesse ter tentáculos.”

“Qualquer coisa. Não é nada confortável descer tão fundo vestindo braços e pernas.”

A porta da antecâmara começou a se abrir quando Arraia respondeu, sem olhar para a mergulhadora ao seu lado. “Nosso corpo não é mesmo um negócio confiável.”

Corina olhou para ele durante um segundo, sobrancelhas tensas sobre os olhos, pensando em perguntar “o que você quer dizer com isso?”, pensando o quanto ele podia saber, pensando em responder algo que pudesse disfarçar seu desconforto; em vez disso, apenas respirou alto e foi em direção à passagem que dizia “saída”.

Copyright © 2016 by Aline Valek

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
fantastica@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Esta é uma obra de ficção. Personagens, incidentes e diálogos foram criados pela imaginação da autora e sem a intenção de aludi-los como reais. Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.



GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EDITORA
Larissa Helena

EQUIPE EDITORIAL
Manon Bourgeade (arte)
Milena Vargas
Viviane Maurey

ASSISTENTES
Gilvan Brito
Silvânia Rangel (Produção Gráfica)

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS
Clarice Goulart

REVISÃO
Wendell Setubal
Sophia Lang

Cip-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Valek, Aline
V244a As águas-vivas não sabem de si; Aline Valek – Primeira
edição. Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2016.

ISBN 978-85-68263-33-4

I. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.

16-31114

CDD – 869.93

CDU – 821.134.3(81)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.